

# O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE na Rua do Hospicio 85	Preço da assignatura por mez	Para a Corte..... 1\$000 Para as Provincias... 1\$500	AS ASSIGNATURAS começam no 1.º de cada mez
--	------------------------------	--	--

## A DESFORRA DE UM DEFUNTO

XLII

(Continuação.)

Gontran tinha cingido Francina nos braços; não podia fallar, nem tão pouco Francina; as suas lagrimas, porém, se confundiam em santa embriaguez.

— O' Francina! Francina! disse afinal Gontran A senhora!... é realmente a senhora... quando eu supunha não tornar a vê-l-a?

Francina sorriu-se ternamente, através das belas lagrimas que lhe inundavam o semblante.

— Eu, disse ella, nunca perdi a esperança; de hontem para cá tenho rezado tanto, que Deus se condoeu...

— Mas que casa é esta? quem foi que a salvou? A que milagrosa intervenção deve a senhora o ter escapado aos terríveis perigos que ameaçavam-n'a?

Francina ficou durante um momento calada.

— Ah! eis o difícil! respondeu ella ao cabo de alguns segundos. Estou salva... é certo... mas em meu interesse, no de outras pessoas mais, me é vedado contar cousa alguma do que me aconteceu.

— Mesmo a seu pai?...

— Principalmente a meu pai...

Gontran fez um movimento.

— No entanto, tornou elle, a senhora não ignora que terrível inquietação é a delle.

— Sei.

— Se a incerteza em que elle está deve durar mais alguns dias, pode morrer de desespero...

— Não me diga tal!..

— Entretanto é a verdade.

— Não, Gontran... não! não me quero deter nesta idéa... E depois... é por amor delle... é por interesse seu... Emfim, prometti calar-me.

— A quem?

— A' pessoa que me salvou.  
— E quem é esse homem?  
— Um amigo.  
— Como se chama?  
— Não posso dizer-o.  
— Mas me é licito, a mim, procurar adivinhá-lo?  
— Não, Gontran... se me ama... se tem empenho pela minha vida, se quer que eu o ame, não fará senão o que eu lhe disser que faça.  
— Ah! é uma crueldade o que me está pedindo...  
— O senhor, ao menos, não terá de que queixar-se, Gontran.  
— Poderei então tornar a vê-la?  
— Todos os dias, se lhe aprouver.  
Gontran teve um expansão de alegria; mas a lembrança das ultimas palavras de Mauricio apresentou-se-lhe á mente e elle se conteve.  
— Francina, disse com enleio, permitta-me uma ultima observação...  
— Qual é?  
— Mauricio dizia-me ha pouco que ia pôr-se de vigia, enquanto eu ficasse perto da senhora.  
— E dahi?  
— Receia que nos surprendam?  
— De modo nenhum.  
— Tem medo de que o seu mysterioso protector me encontre?  
— Francina sorriu-se.  
— Não, meu amigo, respondeu ella; o meu protector não teme encontral-o... mas deseja, ao menos por enquanto, conservar-se absolutamente desconhecido ao senhor!

Gontran curvou a cabeça, e não respondeu.

A si proprio, porém, perguntou inquieto de que natureza era o novo mysterio que envolvia Francina.

XLIII

Alguns dias se haviam passado sem trazerem nenhum incidente novo.

Gontran tornará a vê Didier e Sacco-de-Gesso; mas, fiel á promessa que fizera á Francina, occultar-lhes a sorte da moça, deixando-os supôr que elle prosseguia ardente em suas pesquisas.

Didier, por seu lado, não lhe havia dado parte de

seus planos... continuava persuadido de que sua filha se achava em poder de seus inimigos, e, pelo que elles tinham feito até então, não se illudia ácerca da sorte que lhe estava reservada.

Não pensava mais senão em vingar-se, e, para attingir o seu fim, preparava pacientemente, com profundo ardil, os meios que lhe pareciam mais proprios para assegurar o exito do que ia tentar.

Quanto a Sacco-de-Gesso, observava tudo e não dia nada.

Entretanto, por outro lado, os habitantes do palacete d'Orvado não tinham ficado inactivos.

Clotilde proseguia obstinadamente na sua idéa, de accordo com o conde des Aiglades e Polichinello.

Este ultimo, porém, mantinha-se em grande prudencia, desde o conflicto do Canequinho, onde não devêra a sua salvação senão a uma fuga precipitada, na qual perdêra Francina.

Mudára a sua habitação para nma das aguas-furtadas do palacete d'Orvado, e não sahia durante o dia — quando sahia — senão sob os disfarces da mais habil combinação.

Uma noite, acabavam de soar dez horas, a Sra. d'Orvado estava sózinha no seu quarto, e parecia aguardar com a maior impaciencia a chegada de uma pessoa, que se estava demorando.

Afinal ouviu-se o ruido de passos, e um homem entrou pouco depois no aposento.

Era Polichinello.

— Ah! é o senhor! disse a Sra. d'Orvado dirigindo-lhe um olhar cheio de interrogações. Ha uma hora que estou á sua espera.

— Nem sempre se faz aquillo que se quer, respondeu Polichinello. E não é facil seguir alguém quando se receia ser tambem espreitado.

— E a quem seguia o senhor? perguntou a Sra. d'Orvado.

— A Gontran.

— A que proposito?

— Ah! isso é uma verdadeira historia. Imagine que no outro dia, estando eu a vagar nos arredores da rua de la Harpe, avistei o tal Gontran que descia em direccão ao caes, de mãos no bolso e fumando o seu charuto.

— E que mais?

— Aquella attitude calma, de um homem satisfeito da vida, e cujo rosto nenhuma preocupação séria denotava, impressionou-me particularmente.

— Porque?

— Entendi eu que um namorado, que podia estar inquieto com a sorte da sua namorada, não devia ter aquellas maneiras isentas de cuidados, e conclui dari que elle sabia qual o retiro de Francina.

— E seguiu-o?

— Estava disfarçado nesse dia, de modo a illudir ao proprio Louvet, embora elle tenha um olho finorio. Não tinha, pois, que temer de Gontran, e segui-lhe os passos; unicamente, em meio caminho elle tomou um carro.

— De modo que o senhor ignora ainda...

— Tudo virá a seu tempo, creia; por enquanto, conheço tudo quanto nos é util conhecer.

— Francina acha-se em poder de Didier?..

— E' verosimil.

— E Gontran vai vel-a?

— Todos os dias, e amanhã saberei onde é o ninho da pequena.

A Sra. d'Orvado levantou-se.

— Isto simplifica a situação, disse ella contrahindo as sobrancelhas; desta vez, porém, se conseguirmos apoderar-nos de Francina, cumpre que não haja imprudencia...

Polichinello interrompeu-a com um gesto.

— Esteja descansada quanto a isso, disse elle: ha, porém, um ponto para o qual, presentemente, deve convergir toda a nossa attenção... O conde des Aiglades não lhe disse nada?

— O conde continua a ter medo.

— Em seu lugar, a Sr. condessa faria outro tanto... As cartas estão em poder de Didier... elle fará uso dellas no dia em que não tiver mais que temer pela vida de Francina; a esta hora, deve-se estar tratando a nosso respeito no palacio da justiça.

A Sra. d'Orvado encolheu os hombros.

— O conde contou-me tudo isso, respondeu ella; até certo ponto, comprehendi e compartilho as suas appreheções... Em breve partiremos... mas partiremos quando nos houvermos de novo apoderado de Francina.

— E se daqui até lá... objectou Polichinello.

— Daqui até lá... deixem a cousa por minha conta... cumpre desviar todos as suspeitas, e não conheço senão um meio.

— Qual é?

— Darei um baile em que Pariz enteira fallará, e cujo effeito durará ainda quando já houvermos transposto a fronteira.

Em vez de responder, Polichinello acabava de precipitar-se para a janella, e applicava o ouvido.

Um assobio fizera-se ouvir do lado de fóra, modulado de certo modo significativo.

— Que é? perguntou a Sra. d'Orvado.

— A Sra. condessa não ouviu? disse Polichinello.

— Um assobio.

— Um signal.

— E' necessario vér.

— E é o que eu vou fazer, respondeu Polichinello. E, sem esperar mais, desceu rapidamente ao jardim.

A noite estava escurissima; mas Polichinello conhecia o parque, e todos os seus recantos lhe eram familiares.

Além disso, tinha elle dado apenas alguns passos nas alamedas, quando ouvio um ruido que o guiou em suas pesquisas.

Caminhavam por entre as moitas, perto delle; e elle não hesitou.

Mas, cousa singular! a moita em que elle tinha ouvido moverem-se estava absolutamente sem ninguem, e o ruido se reproduziu, quasi no mesmo instante, a alguma distancia.

Polichinello precipitou-se para aquelle lado.

Alli, porém, repetiu-se ainda o phenomeno.

Era inexplicavel aquillo; Polichinello não compre-

hendia cousa alguma, e empregava na sua pesquiza uma obstinação tanto mais animada quanto mais vezes era illudida.

Chegára desse modo á extremidade do parque, não longe da portinha que abria para os Campos-Elysios.

Alli parou e reflectiu.

Começou a adivinhar alguma cilada, e julgou prudente operar uma retirada para o palacete; ia pol-a em pratica, quando dous braços vigorosos o agarraram e reduziram á impossibilidade de mover-se.

Restavam-lhe as pernas livres, com cujo auxilio tentou defender-se; mas um segundo adversario enleou-as por modo tal com uma solida corda que o desgraçado rolou no chão.

— Bom! disse então uma voz, que Polichinello julgou reconhecer; agora que nos achamos na posição horizontal, poderemos conversar socegadamente.

— E's tu, Rougeot-Cadet? disse Polichinello, que supunha ter de haver-se com Louvet.

— Ingrato! respondeu Rougeot-Cadet; esqueceste o som da minha voz!

Polichinello procurou levantar-se; mas Rougeot-Cadet tornou a estendel-o bruscamente no chão humido.

— Que queres de mim? perguntou Polichinello.

— Pois não adivinhas?

— Por minha vida que não!

— Isso não revela muita agudeza de tua parte.

Esqueceste então o *Canequinho*?

— Como?

— Foste tu que nos arrebatates a pequena.

— E dari?

— Viemos perguntar-te o que fizeste della.

— E, se não quizeres fallar, se te recusares a responder, acrescentou uma outra voz — a de Sacco-de-Gesso, — seremos obrigados a lançar mão dos meios violentos...

E, assim fallando, o rapaz apoiou ao peito de Polichinello uma longa e afada faca, cuja ponta lhe riscou levemente a pelle.

#### XLIV

— Querem então assassinar-me! exclamou Polichinello, fazendo um esforço para erguer-se.

— Onde estaria o mal? respondeu Sacco-de-Gesso rindo-se.

Polichinello callou-se. Estivera momentaneamente distraido e assustado talvez com a ameaça de Sacco-de-Gesso; mas as palavras de Rougeot-Cadet voltaram-lhe de novo á memoria, e a si proprio perguntava elle o que queria dizer a pergunta que elles encerravam.

Se Rougeot-Cadet e Sacco-de-Gesso se interessavam por Francina, era que, sem duvida, Didier os impelia; quem entao, — se não fôra este ultimo, — conseguira apoderar-se da moça na confusão da desordem provocada pela chegada de Louvet?

Já não comprehendia mais nada!

Que fim levára Francina? Em poder de que mysterioso protector cahira? Ou antes, que estranho papel representava Gontran em tudo isso, pois que, conhecendo o retiro da moça, occultara-o a Didier e a Sacco-de-Gesso?

Polichinello perdia-se em conjecturas contraditorias.

— Então! então! disse de repente Rougeot-Cadet, sacudindo-o bruscamente. Vamos porventura dormir aqui?... Fizemos-te uma pergunta, e entre pessoas de boa educação uma pergunta vale uma resposta. Exhibi-te, e quanto antes!

— Juro-lhes.... balbuciou o paciente.

Não concluiu, porém.

A ponta da faca de Sacco-de-Gesso, penetrando-lhe duas linhas na carne, cortára-lhe a palavra.

— Ah! deixem estar que eu hei de tirar a minha desforra! bramiu Polichinello.

— Ameaçar não é responder! insistiu Sacco-de-Gesso.

— Mas... como hei de eu dizer-lhes o que ignoro?

— Mentes!

— Demais, continuou Polichinello, em vez de me torturarem como faria qualquer algoz, seria muito mais simples que se dirigessem a um de seus amigos, que deve estar bem informado a esse respeito.

— Que amigo?

— Gontran.

— Que vem a ser esse gracejo? disse Sacco-de-Gesso.

— Não estou gracejando.

— Elle conhece o retiro de Francina?

— Se conhece!

— Quem t'o disse?

— Eu vi.

— Quando?

— Esta manhã... e, se duvidam, perguntem-l'o a elle mesmo.

Polichinello acabava apenas de pronunciar estas palavras, quando Gontran, guiado pelo rumor das vozes, chevava ao lugar onde elles estavam.

Sacco-de-Gesso não pôde conter um gesto de espanto ao vê-lo.

— O Sr. Gontran aqui! disse elle procurando uma razão plausivel para a sua presença.

— Sou eu, sim, meu amigo... respondeu o moço em tom inquieto e preocupado. Acabo agora mesmo de deixar Didier. Conflou-me elle o intuito desta empreza nocturna, e vim correndo para impedir que se commetta um homicidio...

— Mas o homem se nega a responder.

— Por uma razão muito simples... Francina não está em poder daquelles que vocês supoem.

— O senhor sabe então onde ella está?

— Sei.

— E onde é?

— Não posso dize-l-o.

Sacco-de-Gesso fez um movimento de desconfiança.

— O Sr. Didier apreciará esta discrição, disse

elle; mas é singular nas circumstancias que atra-  
vessamos.

— Pois sim! retorquiu Gontran com firmeza;  
mas ponham em liberdade este homem, que não lhes  
pôde responder.

E, logo que Polichinello se pôz de pé, o moço  
acrescentou:

— Qnanto ao senhor, que se tem feito instru-  
mento dos horriveis designios da Sra. d'Orvado,  
ha de chegar, previno-o, ao termo de suas malva-  
dezas; e tome cuidado que dentro em pouco a justiça  
o não envie novamente para o logar de infamia...  
onde nunca devêra ter sahido!

Polichinello não esperava vêr-se tão depressa em  
liberdade.

Comprehendeu, além disso, que não devia dar  
tempo aos seus adversarios para que pudesse arre-  
pender-se, e afastou-se rapidamente, seguindo em  
direccão ao palacete d'Orvado.

Por seu lado, Gontran tomára a direccão dos  
Campos-Elysios.

Sacco-de-Gêssos, Rongeot-Cadet e o Jaguar tinham  
ficado sózinhos no parque.

— Então!... que pensas de tudo isto? disse  
Rougeot-Cadet.

Sacco-de-Gêsso tornara-se pensativo.

Ao cabo de alguns momentos, saccudiu a cabeça  
com força.

— Penso, respondeu elle, que Polichinello não  
foi aqui mais do que um incidente inesperado, e o  
que acaba de acontecer não nos deve impedir de  
continuar as nossas observações.

— Tens razão... disse Jaguar.

— Portanto, não pensemos mais nem em Poli-  
chinello, nem em Gontran, e tratemos de tomar as  
nossas distancias.

E os tres homens puzeram-se a percorrer o par-  
que em todos os sentidos, como se quizessem levan-  
tar-lhe a planta exacta e minuciosa.

Qual era o fim daquelle trabalho nocturno? Não  
tardará muito que o saibamos.

Unicamente, quando elles se retiraram, pela ma-  
drugada, pareciam satisfeitos com o resultado  
de seus estudos... e Rougeot-Cadet dizia baixinho a  
Sacco-de-Gêsso:

— Agora, se o pai Louvet não nos entrava a  
roda, creio que é negocio feito.

— Oh! acudiu Jaguar, o pai Louvet não é tão  
experto... está velho já... ha oito dias que não se  
falla n'elle...

— Quem sabe... quem sabe? tornou Rougeot-  
Cadet. No entanto, abramos os olhos e velemos na  
cousa.

Ora, no dia seguinte áquelle em que estes factos  
se passavam, uma estranha noticia circulou em Pariz  
e foi encher de espanto todos os echos da rua de  
Jerusalém.

Por cerca das oito horas da manhã, justamente  
a hora em que Louvet costumava apresentar-se na  
prefeitura, chegava alli a sua velha criada Martha,  
toda assustada, pedindo para fallar a um dos chefes  
da administração.

Uma vez admittida á presença deste ultimo, contou  
chorando que seu amo havia desapparecido desde a  
vespera.

Louvet tinha habitos regulares: nunca dormia  
fóra de casa senão por motivo de serviço, e em tales  
casos jamais deixava de prevenir a criada para que  
esta não o esperasse.

Desta vez, não tinha elle avisado a ninguem  
e a velha passára a noite inteira a esperal-o.

Que teria acontecido?

Na vespera, saíra Louvet de casa por cerca das  
oito horas da noite; e não tornára a aparecer!

Esta noticia espalhou-se logo por toda a cidade,  
e não se pôz em duvida que o agente tinhoso assassinado naquella noite.

Quaes seriam, porém, os assassinos?

Immediatamente puzeram-se em campo todas as  
brigadas, e começaram a revolver a capital em todas  
as direcções.

#### XLV

Ocioso é insistir ácerca do profundo abalo causado  
pelo desapparecimento de Louvet.

Durante varios dias foi elle o assumpto das con-  
versações em toda a parte.

Além disso, no facto que nos occupa, o acaso  
prestou-se maravilhosamente á avidez publica, e a-  
creditar-se-hia que um habil ensaiador se intromet-  
téra naquillo.

Na noite do mesmo dia em que a velha Martha  
dera conhecimento na prefectura do desapparecimento  
de seu amo, foi encontrada no cães, proximo á ponte  
da Concordia, uma carteira, que um officioso se a-  
pressára em levar á polícia e que foi logo reco-  
nhecida como pertencente a Louvet.

As suspeitas tomavam corpo, e as pesquisas con-  
tinuaram com mais ardor e interesse.

Mimoso se havia posto em campo com um zelo  
e uma dedicação que tinham duas causas principaes:

Em primeiro lugar, a sua amizade pelo superior;  
depois, á sua ambição ligitima de succeder-lhe.

Sob o imperio destes doulos sentimentos, Mimoso  
se multiplicava.

Durante doulos dias, visitou, revistou, revolveu  
todas as casas suspeitas de Pariz e dos arredores;  
mas, apezar da habilidade que desenvolveu nessa me-  
moravel circumstancia, o pobre Mimoso não descobriu  
cousa alguma.

Não se deve deixar de referir, entretanto, que  
no segundo dia, passando pela rua Mouffetard, viu  
elle pendurado á porta de um algibebe um casaco que  
lhe attrahiu o olhar de modo tão imperioso, que elle  
foi forçado a parar.

Aquelle casaco de um verde macio e cujas costu-  
ras o prolongado uso havia desbotado, foi quasi in-  
stantaneamente reconhecido por elle como tendo per-  
tencido a Louvet.

(Continúa no proximo numero.)